

A REFORMULAÇÃO DO UTILITARISMO POR PETER SINGER E A ÉTICA UNIVERSAL ANIMAL

Luís Fernando Biasoli*
Caroline Alana Friedrich**

Resumo: O presente artigo deu ênfase à verificação da possibilidade de existir a ampliação de uma ética universal animal, através da reformulação do utilitarismo de John Stuart Mill, à luz do Utilitarismo abordado por Peter Singer. Objetivou-se verificar se a corrente ética adotada por Peter Singer é capaz de contribuir, decisivamente, para uma ética voltada aos animais não-humanos, influenciando, inclusive, o direito em nossos dias. Conclui-se que é possível compreender que o utilitarismo contemporâneo atingiu seu desfecho teórico, pois alguns animais não-humanos possuem direito à vida, em virtude de serem seres emotivos e sencientes. Sendo assim, encontram-se incorporados no campo da moralidade, e, ainda, dispõem de indícios de humanidade.

Palavras-chave: Ética. Universal. Animais. Utilitarismo.

Abstract: The present article emphasized the verification of the possibility of the expansion of a universal animal ethics, through the reformulation of John Stuart Mill's utilitarianism, in the light of the Utilitarianism approached by Peter Singer. The objective was to verify whether the ethical current adopted by Peter Singer is capable of contributing, decisively, to an ethics focused on non-human animals, influencing, also, the law in our days. We conclude that it is possible to understand that contemporary utilitarianism has reached its theoretical conclusion, for some non-human animals have the right to life, by virtue of being emotional and sentient beings. Therefore, they are incorporated into the field of morality, and also have signs of humanity.

Keywords: Ethics. Universal. Animals. Utilitarianism.

1. ASPECTOS HISTÓRICOS DO UTILITARISMO SOBRE O VIÉS DE JOHN STUART MILL

Quando se fala em direito ou até mesmo em ética voltada aos animais, e, aqui, refere-se aos animais que não são da espécie humana, inevitavelmente, vem à mente as concepções teóricas formuladas pelo utilitarismo, em especial, a filosofia do pensador australiano Peter Singer. E, ainda que, hoje em dia, este tema esteja sendo discutido com maior vigor, em muitos setores da sociedade, isto não implica que já tenha sido esgotado ou que não se tenham controvérsias se espalhando nos ambientes acadêmicos.

Ao contrário, o que se percebe é que a teoria utilitarista de Peter Singer, ainda que não tenha dado conta da totalidade do tema da ética sobre os animais, teve radical força, para abrir, no

* Pós Doutor em Filosofia pela PUCRS. Professor do Departamento de Filosofia da Universidade de Caxias do Sul (UCS). E-mail: lfbiasoli@ucs.br

** Pós-graduada em Bioética pela Universidade de Caxias do Sul (UCS). E-mail: carolinealana0@gmail.com

mundo todo, discussões acerca da existência de uma ética que se aplicaria na defesa dos animais não-humanos. Consequentemente, traduz-se em uma reformulação do utilitarismo clássico de John Stuart Mill (1806-1873), que, sabe-se, não dava à devida atenção e importância (para não dizer nenhuma) à ética animal, no sentido adotado neste projeto de investigação.

Inegavelmente, não se pode desconsiderar o contexto histórico e a própria evolução da filosofia prática utilitarista, para se fazer uma pesquisa justa para com o pensamento da escola ética em tela de juízo. E, com isso, surge a pergunta: como e até que ponto a teoria utilitarista de Peter Singer pode contribuir para o avanço de uma ética pensada na defesa dos animais não-humanos, em uma desconstrução positiva do utilitarismo clássico, em especial da teoria ética milliana?

Responder a esta pergunta implica em analisar de modo crítico a extensão e a capacidade do utilitarismo hodierno de Peter Singer, em uma reformulação do utilitarismo clássico de John Stuart Mill, na construção de uma ética voltada aos animais não-humanos e, sobretudo, na analisar a (im)possibilidade de uma ética universal.

A corrente ética filosófica do Utilitarismo tem suas raízes iniciadas por Jeremy Bentham, (1748-1832), mas é John Stuart Mill que, de fato, batiza tal feito, reivindicando a originalidade da palavra *utilitarismo*. Ainda assim, torna-se importante para o presente estudo o que para Jeremy Bentham era o utilitarismo:

A natureza colocou o gênero humano sob o domínio de dois senhores soberanos: a dor e o prazer. Somente a eles compete apontar o que devemos fazer, bem como determinar o que na realidade faremos. Ao trono desses dois senhores está vinculada, por uma parte, a norma que distingue o que é reto do que é errado e, por outra, a cadeia das causas e dos efeitos (BENTHAM, 1979, p. 3).

Por conseguinte, para Mill, a felicidade deve ser alcançada em longo prazo, e para que isso se realize, considera em sua teoria filosófica uma espécie de “escala dos prazeres”, que é delimitada de forma qualitativa, isto é, com certos prazeres considerados “inferiores” e outros tidos como “superiores”.

Em sua perspectiva utilitarista, o homem deve buscar sempre àquele bem entendido como o mais elevado, ou seja, superior. Noutras palavras, a felicidade não pode ser considerada apenas no que concerne à quantidade de prazer produzido, visto que, segundo John Stuart Mill, também, necessita-se analisar a qualidade do prazer alcançado.

Em continuidade, é importante referir um importante princípio na filosofia utilitarista milliana, que é o da utilidade, que está, umbilicalmente, relacionado à máxima da felicidade. Explica o filósofo que:

A utilidade ou o princípio da maior felicidade como a fundação da moral sustenta que as ações são corretas na medida em que tendem a promover a felicidade e erradas conforme tendam a produzir o contrário da felicidade. Por felicidade se entende prazer e ausência de dor; por infelicidade, dor e privação de prazer [...] o prazer e a imunidade à dor são as únicas coisas desejáveis como fins, e que todas as coisas desejáveis [...] são desejáveis quer pelo prazer inerente a elas mesmas, quer como meios para alcançar o prazer e evitar a dor (MILL, 2000, p.187).

Destaca-se que o autor descreve a felicidade e estabelece que o prazer é o único fim desejável do indivíduo, através de elementos qualitativos para avaliação dos prazeres. Nesse sentido, John Stuart Mill descreve que os únicos objetivos do homem são a busca pelo prazer e a ausência de dor, ou seja, o indivíduo só faz o que deseja levando em consideração o prazer que pode alcançar, e, conseqüentemente, evitando seu sofrimento. Assim, verifica-se que o filósofo constata que a qualidade do prazer deve ter igual importância quanto a sua quantidade.

Em síntese, John Stuart Mill considera que existe o predomínio de algumas esferas de prazer que são intrínsecas à nossa natureza humana, o que é denominado de “prazeres superiores”, sendo que tais prazeres terão (ou, ao menos, deveriam ter) maior relevância no cálculo da felicidade. Destarte, John Stuart Mill (2000, p.144-145) refere:

O Princípio da Maior Felicidade, [...] o fim último, com referência ao qual e por causa do qual todas as outras coisas são desejáveis (quer estejamos considerando nosso próprio bem ou o de outras pessoas), é uma existência isenta tanto quanto possível da dor, e tão rica quanto possível em deleites, seja do ponto de vista da quantidade como da qualidade. O teste de qualidade [...] é a preferência manifestada pelos que, em razão das oportunidades proporcionadas por sua experiência, em razão também de terem o hábito de tomar consciência de si e de praticar a introspecção, detêm os melhores meios de comparação. Sendo esta, de acordo com a opinião utilitarista, a finalidade da ação humana, é necessariamente também o padrão de moralidade. Assim, é possível definir a moralidade como as regras e preceitos da conduta humana, cuja observação permitiria que uma existência tal como a descrita fosse assegurada, na maior medida possível, a todos os homens; e não apenas a eles, mas também, na medida em que comporta a natureza das coisas, a todos os seres sencientes da criação.

Neste viés, é possível verificar que a particularidade primária da natureza do indivíduo pensado por John Stuart Mill é a própria procura da felicidade, ou seja, a maximização de prazer e minimização de dor. As demais peculiaridades da natureza humana estariam relacionadas com essa máxima, no que diz respeito à ética ou à moral.

Por conseguinte, o avanço da individualidade do ser humano, para filósofo utilitarista em tela de juízo, (2000, p. 8- 87), é um dos “principais ingredientes da felicidade [...] o ingrediente central do progresso individual e social”. Dessa forma, para que a sociedade alcance a máxima felicidade, deve haver a valorização “[...] aos prazeres intelectuais, aos prazeres da sensibilidade, da imaginação e dos sentimentos morais”. (MILL, 2000, p.188).

Ainda, o princípio moral básico utilizado por John Stuart Mill no utilitarismo, de certa forma, parte de uma premissa teleológica a partir do agir do homem, conforme referira Aristóteles em seus clássicos ensinamentos, senão vejamos:

Toda a ação é realizada em função de um fim, e as regras das ações, parece natural supô-lo, devem tomar todo o seu caráter e cor do fim que servem. Quando nos envolvemos na perseguição de um objetivo, uma concepção clara e precisa daquilo que perseguimos parece ser a primeira coisa de que precisamos, e não a última coisa a procurar. Pensamos que um teste do certo e do errado tem de ser o meio de determinar aquilo que está certo e aquilo que está errado, e não uma consequência dos termos já determinados. (MILL, 2005, p. 42)

Nada obstante, os contornos do utilitarismo milliano, em termos como os, aqui, apresentados, demonstram que a ética utilitarista, daquela época (séc. XIX), estava muito mais preocupada em estabelecer as bases e os princípios éticos para o homem, não havendo, portanto, uma abordagem que se refira à ética animal como uma preocupação premente, do mesmo modo em que o utilitarismo de Peter Singer enfatizará.

2. O “UTILITARISMO” DE PETER SINGER

Inicialmente, é relevante destacar que a filosofia ética de Peter Singer tem suas raízes no utilitarismo clássico, no qual reside um ponto em comum entre estes autores, isto é, os utilitaristas, de um modo geral, reconhecem que a razão é fundamental no processo de fundamentação das normas sociais.

Para que seja possível verificar as contribuições da reflexão ética sobre os animais de Peter Singer, necessariamente, deve-se percorrer um caminho inverso e investigar as origens e as bases utilitárias que firmam os pilares desta ética. E, a partir disso, uma vez verificada as raízes desta ética utilitária, sobretudo, daquela desenvolvida por John Stuart Mill - que para a maioria dos autores contemporâneos representa um avanço em relação ao utilitarismo de Jeremy Bentham - poder-se-á avaliar com maiores subsídios teórico-filosóficos a capacidade da ética elaborada pelo filósofo australiano, para estabelecer ou não uma Ética animal universal.

Sabe-se que Peter Singer faz parte da corrente denominada na filosofia como “utilitarista”, visto que manifesta assentir que o modo de agir do humano é pautado pela busca do prazer e o afastamento da dor, bem como argumenta que quando da existência da possibilidade de escolher entre duas ou mais ações, deve-se preferir a que traz a maior quantidade de felicidade para o maior número de pessoas, levando em consideração a vontade de todos os seres alcançados.

Ademais, refere que o sofrimento só é tolerável se for, para impedir um mal ainda maior. Com isso, quando a maximização do prazer não for possível, é necessário minimizar a dor, sem esquecer que a razão é fundamental no procedimento de fundamentação das normas morais.

Nesse sentido, entra-se em um ponto, extremamente, importante a respeito da teoria do pensador utilitarista contemporâneo Peter Singer: o utilitarismo voltado para uma ética em que exista igualdade perante todos, inclusive para os animais. O autor, de modo geral, condena todas as formas de exploração animal. O pensador australiano defende um pensamento filosófico no qual o *princípio da igual consideração de interesses* é a inserção dos animais (que são chamados de não-humanos) na esfera das inquietações morais. Dessa forma, cita-se um trecho do autor, a respeito:

A dor é ruim, e, não importa quem está sentindo a dor, quantidades semelhantes de dor são igualmente ruins. A título de ‘dor’ eu incluiria aqui todos os tipos de sofrimento e de aflição. Isso não quer dizer que a dor seja a única coisa que é ruim, nem que infligir sofrimento seja sempre errado. (...). Por outro lado, prazer e felicidade, são bons, não importa de quem sejam, embora possa estar errado fazer algo para obter prazer e felicidade se, por exemplo, ao fazê-lo, prejudicarmos os outros. (SINGER, 2002a, p.11).

Outrossim, insta referir que para Peter Singer, a ética e a moral devem “andar juntas”, uma vez que o princípio da igualdade necessita que haja paridade dos interesses dos indivíduos, fazendo com que nenhum interesse passe por cima do outro ou se sobreponha, e vice e versa. Nessa perspectiva, Singer (2002, p. 26) refere:

O argumento para estender o princípio da igualdade além da nossa própria espécie é simples, tão simples que não requer mais do que uma clara compreensão da natureza do princípio da igual consideração de interesses. Como já vimos, esse princípio implica que a nossa preocupação com os outros não deve depender de como são, ou das aptidões que possuem (muito embora o que essa preocupação exige precisamente que façamos possa variar, conforme as características dos que são afetados por nossas ações). É com base nisso que podemos afirmar que o fato de algumas pessoas não serem membros de nossa raça não nos dá o direito de explorá-las e, da mesma forma, que o fato de algumas pessoas serem menos inteligentes que outras não significa que os seus interesses possam ser colocados em segundo plano. O princípio, contudo, também implica o fato de que os seres não pertencerem à nossa espécie não nos dá o direito de explorá-los, nem significa que, por serem os outros animais menos inteligentes do que nós, possamos deixar de levar em conta os seus interesses.

É necessário destacar que Singer, em um de seus principais livros - *Vida Ética* - refere que de fato defende os animais (não-humanos, neste caso), não simplesmente e apenas por gostar dos mesmos, mas também e, principalmente, por considerar ilógico e intolerante o tratamento desigual e cruel que os homens ou seres humanos oferecem às outras espécies de animais. Vejamos:

[...] a suprema justificativa para opor-se a esse tipo de experiência não tem fundo emocional. É um apelo aos princípios básicos morais que todos nós aceitamos; e a aplicação desse princípio às vítimas dos dois tipos de experiências é exigida pela razão, não pela emoção. (SINGER, 2002, p.41)

Segundo o autor, a ética precisa ser considerada em um contexto amplo, ou melhor dizendo, em uma conjuntura universal e que apesar disso, não devem existirem juízos singulares que sejam aplicados como um todo. Isto quer dizer que a natureza universal da ética possibilita uma causa para a admissão de um posicionamento utilitarista, ou seja, compreender que os interesses de um sujeito não podem valer mais que os interesses de outro indivíduo, pelo simples fato de serem dele. Faz-se necessário um posicionamento que leve em conta a utilidade na toma das decisões do agir humano, para a efetivação de uma ética justa, nesta perspectiva.

Pode-se dizer que o pensador australiano não teve grandes preocupações em estabelecer algum tipo de conceito ou até mesmo um nome para sua teoria, isto é, conforme já referido em seus livros, pois não é possível encontrar uma definição específica de Utilitarismo proposto pelo autor. Nesse sentido, o livro *Vida Ética* (2002) propõe,

Para o utilitarista clássico uma ação é considerada correta se, em comparação com uma alternativa, produzir um aumento equiparável, ou maior, da felicidade de todos a quem atinge; se não o produzir, é considerada errada.” (SINGER, 2002b, p.26)

É possível constatar que o autor se preocupou com a produção da felicidade para o maior número de pessoas possíveis, com uma espécie de igualdade de consideração entre animais (seres humanos) e os animais não-humanos. O mesmo refere que “*os seres humanos não são os únicos seres capazes de sentir dor ou aflição.*” (SINGER, 2002, p.11). Singer reflete sobre áreas que circundam vários âmbitos importantes e necessários para os dias de hoje, como para o presente estudo:

Os filósofos desafiam as crenças comuns há tempos e frequentemente os desafios tornaram nossas vidas coletivas melhores. Os desafios que Peter Singer lança podem parecer extremos, podem exigir sacrifícios pessoais e podem envolver provações iniciais. Porém, se enfrentarmos tais desafios, contribuiremos para um mundo com menos dor, menos miséria e mais felicidade. Realmente, faremos do mundo um lugar

melhor e, ao mesmo tempo, tornaremos nossas vidas também mais significativas. (GRUEN, 2010, p. 256).

Singer é alvo de muitas críticas feitas por outros autores e pessoas, uma delas é a de que a dor sentida por um ser humano é sempre maior, mais relevante que a de um animal considerado não-humano, dando como justificativa o fato de que a consciência do ser humano é muito mais desenvolvida. Em partes, é possível dizer que, segundo o autor, a afirmação está correta, já em outras está equivocada ou carece de compreensão. Vejamos,

Se, por exemplo, estamos fazendo prisioneiros em tempo de guerra, podemos explicar-lhes que, desde que se submetam à captura, ao interrogatório e à prisão, nenhum outro mal lhes será feito, e serão libertados assim que cessarem as hostilidades. Se capturarmos animais selvagens, porém, não teremos como explicar-lhes que não estamos ameaçando as suas vidas. Um animal selvagem não é capaz de distinguir uma tentativa de subjugar e prender de uma tentativa de matar; ambas irão provocar-lhe o mesmo terror. (SINGER, 2002b, p.70).

Neste segmento, é importante referir o princípio da igual consideração dos interesses que é adotado pelo filósofo australiano, pois este provoca uma certa incumbência de igual valor aos interesses análogos àqueles que são alcançados por atos praticados por humanos, a despeito de qualquer tipo de habilidade ou competência (SINGER, 2002). Ele, em certo sentido, tenta igualar as estruturas éticas utilitárias desenvolvidas e pensadas, para o homem, estendendo sua reflexão e sua preocupação ética, outrossim, aos animais que possuem indícios de pessoalidade.

Por exemplo:

Singer defende que somente “pessoas” têm direito à vida. Para ele, alguns animais não-humanos possuem consciência de si e do outro, noção de tempo, memória de passado e expectativas quanto ao futuro, pensamento conceitual, articulam intenções e agem de forma a concretizá-las, planejam e executam tarefas em grupo, aprendem e ensinam linguagem de sinais humanos; assim, alguns animais são “pessoas” e têm direito à vida. (ARAÚJO, p. 75)

Singer defende que se deve dar aos animais, ainda não estudados, o benefício da dúvida e preservar a vida deles. No caso de animais conscientes, mas não pessoas, por exemplo, peixes e aves, deve-se levar em conta que muitas das mortes praticadas contra eles infligem dor além de promoverem desajustes ambientais e efeitos negativos ao grupo social do animal. Por isso, há motivos indiretos para se opor ao assassinato. Mas, não se constatando indícios de “pessoalidade” nesses animais, eles não seriam reconhecidos como tendo “direito à vida”. (ARAÚJO, p. 76)

Levando em conta todo o apanhado feito até aqui, é possível verificar a partir do que Singer refere, que não se encontram argumentos plausíveis, ou até mesmo filosóficos ou até técnicos, para se alegar que a dor ou o prazer sentido por animais que são considerados não-humanos, devam, necessariamente, serem menos importantes que a mesma quantidade vivida pelos seres humanos. Isto é, caso a capacidade mental fosse relevante, no que concerne à consideração dos

interesses de cada ser, animais não-humanos, recém-nascidos e seres humanos com graves deficiências mentais, necessariamente, deveriam ‘competir’ ou serem enquadrados na mesma categoria.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo, em um primeiro momento, teve como objetivo analisar os aspectos gerais da escola ética Utilitarista sob a perspectiva teórica de John Stuart Mill, trazendo alguns pilares históricos que são a base, para entender o real significado da palavra e, sobretudo, derivar as consequências dessa ética consequencialista. Em um segundo momento, buscou-se aprofundar a pesquisa por um outro viés, especialmente, abarcando-se as relevantes estruturas teóricas do utilitarismo adotado pelo autor australiano contemporâneo Peter Singer, voltada aos animais não-humanos, assim denominados pelo mesmo.

Com base no conteúdo levantado, é possível constatar que Peter Singer ponderou, igualmente, a relação entre os seres humanos e os outros seres vivos. Diante dessa análise, o filósofo australiano amplificou o *Princípio da Igual Consideração de Interesses*, que tem por função direcionar as conexões entre os homens e os integrantes das outras espécies. Esse princípio refere que, a cada ato realizado, dever-se-á levar em consideração as ‘preferências’ de todos os seres cometidos por aquela ação e, dessa forma, distribuir um peso análogo a cada interesse.

Naturalmente, insta referir que, para Peter Singer, o interesse seria uma conexão de sujeição em virtude de uma situação. Como viu-se, de acordo com o autor, todos os seres emotivos ou sencientes, ou seja, que são habilitados, para vivenciar dor e/ou prazer, dispõem, por princípio, de *interesse*, pelo menos o *interesse* de não sentir dor e de alcançar experiências prazerosas ou agradáveis.

Com fundamento em tais reflexões, é possível compreender que Peter Singer atingiu o desfecho teórico em sua filosofia ética de que alguns animais não-humanos possuem direito à vida, em virtude de serem emotivos e sencientes. Sendo assim, encontram-se incorporados no campo da moralidade, sobretudo, pelo fato de que, ainda, dispõem de indícios de humanidade. Pode-se dizer que tal fechamento é uma das maiores contribuições do autor ao mundo dos animais não-humanos, conforme denominados pelo mesmo.

Dessa forma, a partir do que foi estudado e exposto nos dois capítulos a respeito do tema do presente estudo, conclui-se que a corrente utilitarista tradicional é aprofundada e estudada, rigorosamente, pelo pensador australiano, constituindo a base para a sua filosofia, mas que, ainda, carece e pode vir a ser melhor estruturada em alguns pontos, isto é, ainda existe uma espécie de vulnerabilidade ou debilidade em suas definições. Mesmo assim, não se pode desconsiderar o progresso que suas contribuições trouxeram à filosofia e ao direito animal hodierno.

Portanto, a partir de todas as considerações acima deduzidas, é plausível concluir que a concepção e conceituação de “pessoa amparada”, investigada e examinada por Peter Singer, figura como condição de possibilidade, para que se possa transformá-la em uma “metodologia fundamentada”, servindo como princípio, para determinar e fundamentar quem tem direito à vida, ou ainda, qual a diferença existente (ou não) entre seres humanos e seres não-humanos. Não sabemos quais serão os próximos passos desse caminho rumo a uma maior importância dos animais não-humanos dentro do campo da reflexão ética e das especulações filosóficas, contudo, pode-se afirmar que já foram percorridos largos passos rumo a um maior respeito para com os animais não-humanos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Cícero. *Bentham, o utilitarismo e a filosofia política moderna*, in A. Boron (ed.), *Filosofia política moderna: de Hobbes a Marx*, Buenos Aires/São Paulo, Clacso/USP, 2006.

ARAÚJO, Chavedar de Souza Martha. *Direito à Vida em Peter Singer e a tradição utilitária*. Fortaleza: 2008.

BENTHAM, Jeremy. *Uma introdução aos princípios da moral e da legislação*. Trad. Luiz João Baraúna. 2ª edição. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

DIAS, M. C. L. C. A concepção de ética no utilitarismo de John Stuart Mill. *Discurso*. v. 1, n. 44, p. 235-260, 2014. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/discurso/article/view/89097>. Acesso em: 15 set. 2021.

MILL, John Stuart. *A Liberdade/Utilitarismo*. São Paulo: Martins Fontes. 2000.

_____. *Utilitarismo*. Porto: Porto Editora, 2005.

MULGAN, T. *Utilitarismo*. Trad. Fábio Creder. Petrópolis: Vozes, 2012. (Série Pensamento Moderno).

SINGER, Peter. *Como devemos de viver? A ética em uma época de individualismo*. Trad. Fátima St. Aubyn. Lisboa: Dinalivro, 2006.

_____. *Ética prática*. Trad. Jefferson Luiz Camargo. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

_____. *Libertação Animal*. Trad. Marly Winckler e Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

_____. *Vida Ética: os melhores ensaios do mais polêmico filósofo da atualidade*. Trad. Alice Xavier. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

VIRGÍNIO, Sérgio Ricardo de Andrade. *A ética prática no pensamento de Peter Singer*. (Dissertação de Mestrado). Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, p. 80. 2011.